



20 | SOCIEDADE

SEGUNDA-FEIRA 12 DE DEZEMBRO 2016 CORREIO

SOCIEDADE

SOBE
JOSÉ CORREIA AZEVEDO
PRE. SIND. ENFERMEIROS



Foi reeleito presidente do Sindicato dos Enfermeiros, com 82,2 por cento dos votos, batendo a outra candidata, Paula Maia.

DESCE
WALTER CHICHARRO
PRES. C. M. NAZARÉ



A estátua que pretende homenagear os surfistas e a Lenda do Nazaré, em frente ao mar, está envolta em polémica.

PORTUGAL

Problemas de saúde afetam 36% no País

DOENÇAS Portugal é o segundo país da UE com um grupo maior da população com dificuldades para realizar atividades do dia a dia. **APOIO** Associação de Cegos diz que ainda falta apoio do Estado

JOÃO SARAMAGO

Um terço da população portuguesa (36%) com mais de 16 anos é portadora de deficiência ou de doença de longa duração. Portugal é, depois da Letónia (38%), o país da União Europeia com um grupo maior da população com graves dificuldades para realizar atividades do dia a dia devido a questões de saúde, divulgou o organismo de estatística da União Europeia, o Eurostat.

Para a presidente da Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), Graça Gerardo, o resultado "revela a realidade portuguesa: nos Censos de 2011, houve 163 mil pessoas que disseram possuir alguma deficiência visual", recorda. "A ACAPO trabalha em todo o País

PORTUGAL É O PAÍS DA UE COM MAIOR DIFERENÇA ENTRE OS DOIS SEXOS

e é notório que com o envelhecimento da população há pessoas isoladas que devido à diabetes e cataratas têm problemas graves de visão", exemplifica.

O estudo revela que há um maior número de portuguesas portadoras de deficiência (41%) por comparação com os homens (31%). Uma diferença de dez pontos percentuais que coloca o nosso país com a maior diferença entre os sexos nos países da UE. Sofrer de uma doença é também motivo de discriminação no acesso ao emprego, por exemplo. "O Estado ainda não garante as condições para que uma pessoa com deficiência possa viver de uma forma confortável", considera. *

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO



Estudo revela também discriminação de deficientes no acesso ao emprego

DOENÇAS

POPULAÇÃO COM GRAVES PROBLEMAS DE SAÚDE

| | |
|-------------|-----|
| Letónia | 38% |
| PORTUGAL | 36% |
| Crécia | 35% |
| MÉDIA DA UE | 25% |

POR SEXO

HOMENS

| | |
|-------------|-----|
| Letónia | 33% |
| Crécia | 32% |
| Estónia | 31% |
| Austria | 31% |
| PORTUGAL | 30% |
| MÉDIA DA UE | 25% |

MULHERES

| | |
|-------------|-----|
| Letónia | 42% |
| PORTUGAL | 41% |
| Estónia | 38% |
| Finlândia | 37% |
| Crécia | 37% |
| MÉDIA DA UE | 27% |

CEA Fonte Eurostat

Pobres são os que têm mais dificuldades

A percentagem de pessoas com doenças de longa duração diminui com o aumento do rendimento: 44% dos mais pobres têm dificuldades na realização de tarefas diárias devido a problemas de saúde e, entre os mais ricos,

só 26% têm deficiência ou doença de longa duração. Para discutir os problemas das pessoas com deficiência, realiza-se hoje e amanhã, em Lisboa, o encontro do Observatório da Deficiência e Direitos Humanos. *



Deficiências afetam carenciados

PASSAGEM DAS HORAS

Bui Hortelão
DIRETOR DA SAÚDE

PHOTO: J. SILVA



Reféns da Saúde

Martin Shkreli tem 32 anos e fez fortuna nos mercados financeiros. Comprou os direitos do Daraprim — um medicamento para infeções, muito usado por seropositivos: no dia seguinte aumentou-o 5455%, de 13,50 para 750 dólares. Choveram críticas, reclamou-se a intervenção do Estado e até Hillary Clinton prometeu ajudar se fosse eleito. Não foi, e também não teve o voto de Shkreli, que se orgulha de ter votado em Donald Trump. Há dias, dois estudantes do 11º ano de uma escola secundária de Sydney, Austrália, recriaram o Daraprim e estão a vendê-lo a 1,8 euros

ESTUDANTES RECRIARAM REMÉDIO BARATO, MAS DE POUCO VALEU

por comprimido. Problema resolvido? Nada disso: em medicamentos aprovados antes dos anos 60, as autoridades norte-americanas obrigam os novos players a custear testes clínicos morosos e caros, proibindo ainda o consumo de medicamentos do exterior. Mas um exemplo de que o maior inimigo dos consumidores nos alegados mercados livres na Saúde, nos EUA como na Europa, não são abutres como Shkreli, mas os sistemas que os protegem. Como escreveu Derek Lowe, químico e cronista da Science, "nenhum mercado em que um fornecedor pode aumentar o preço da noite para o dia em 5000% só 'porque eu posso' é livre ou realmente um mercado". *